

# A participação de mulheres no esporte universitário viçosense na década de 1970

*Jaqueline Cardoso Zeferino\**

*Marisa Barletto\*\**

*José Geraldo do Carmo Salles\*\*\**

## *The women's participation in the sport academical of Viçosa in the 1970's*

---

\* Mestre em educação física pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atualmente é membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da UFV-NIEG.

\*\* Doutora em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação, e em cursos de graduação.

\*\*\* Doutor em educação física pela Universidade Gama Filho (UGF). É professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e na graduação.

**RESUMO:** A presente pesquisa, fundamentada nos estudos de gênero e na história oral, tem como objetivo contextualizar e problematizar a participação feminina no esporte universitário viçosense entre o período de 1970 e 1980. Apresentam-se como fontes primárias as narrativas de nove mulheres esportistas do período em questão. Como fontes secundárias, utilizamos textos de jornais, informativos, documentos oficiais e fotografias. Após a análise das fontes identificamos que o processo de inserção de mulheres no esporte universitário se fez de forma gradual, alcançando visibilidade em 1970, delineando um novo contorno para a história do esporte universitário viçosense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trajetórias femininas; gênero; esporte universitário.

**ABSTRACT:** *The present text, based in the gender studies and in the oral history, he/she has as I aim at recount and to problematize the feminine participation in the sport academical of Viçosa, Minas Gerais, Brazil, among the years from 1970 to 1980. They come as primary sources the nine sporting women's of the period narratives in subject. As secondary sources used texts of newspapers, informative, official documents and pictures. After the analysis of the sources we identified that the process of women's insert in the academical sport was made in a gradual way, reaching visibility in the years of 1970, delineating a new outline for the history of the sport academical of Viçosa.*

**KEYWORDS:** *Feminine paths; gender; academical sport.*

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de inserção de mulheres no esporte universitário viçosense se fez de forma gradual ao longo dos 85 anos da Universidade Federal de Viçosa/UFV<sup>1</sup>. O primeiro registro da participação feminina em práticas físico-desportivas na Universidade é de 1935, durante as atividades do Mês Feminino (Figura 1), evento realizado com o intuito de proporcionar às esposas dos participantes da Semana do Fazendeiro<sup>2</sup>, conhecimentos práticos sobre agricultura, culinária, cuidados do lar e da saúde.



*Figura 1 - Ginástica durante o Mês Feminino - 1935*

*Foto 1*

*Fonte Arquivo Central e Histórico - UFV*

Ainda nos anos de 1930, segundo Baía, Moreno e Silva (2005), mulheres pertencentes ao quadro de funcionárias da secretaria da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) iniciaram-se na prática do voleibol com a formação da primeira equipe feminina (Figura 2). Mais tarde, outras equipes se constituíram com a inserção de diversas moças da sociedade viçosense e estudantes da Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD).



*Figura 2 - Jogo de Voleibol – s/d*

*Foto 2*

*Fonte: Arquivo Central e Histórico - UFV*

Outro registro sobre a inserção de mulheres em práticas físico-desportivas na Universidade é o futebol feminino realizado nas tradicionais comemorações do dia do trabalho (Figura 3). Contudo, pela citação a seguir, retirada do *Jornal O Bonde*<sup>3</sup>, é possível identificar o imaginário social sobre a participação de mulheres no espaço esportivo naquele período.

Quem veio à ESAV no dia 13 à tarde, assistiu a um espetáculo – uma peleja de futebol feminino. E, diga-se de passagem, foi melhor que uma comédia de Abbot e Costello... O *Match* terminou com a vitória das representantes da ESAV por dois tentos a zero, sendo que o primeiro resultou do maior bolo jamais visto em gramados de futebol. As 22 jogadoras se amontoaram num pequeno espaço de 1m<sup>2</sup> (...) Felizmente não houve unhas nem puxões de cabelo, a lamentar (O BONDE, 1947, p. 3).



*Figura 3 - Jogo de Futebol Feminino*

*Foto 3*

*Fonte: Arquivo Central e Histórico - UFV*

Até a década de 1960, as atividades físico-desportivas compunham, juntamente com o rigor disciplinar, o sentimento de família, a cooperação e a responsabilidade pessoal, o conjunto de ações pedagógicas do projeto educacional da Universidade fortemente influenciado pelo modelo de ensino agrícola dos *Land-Grant Colleges* norte-americanos. Desse modo, desde a criação da ESAV, homens e mulheres, funcionários e funcionárias, discentes e docentes participavam da vida esportiva universitária viçosense. Entretanto, o modo como se organizou o espaço esportivo no interior da instituição revela o lugar secundário e inferior da mulher neste universo eminentemente masculino.

Em 1962, a criação da Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUBE), por meio da institucionalização da prática esportiva, aglutina e consolida os ideais pedagógicos sobre o corpo do (a) estudante, tornando-se órgão máximo de representação esportiva da instituição. Nos anos iniciais da LUBE, a presença de mulheres se restringiu aos cargos de tesouraria, secretaria e à participação de estudantes da ESCD, que congregava algumas mulheres em sua Associação Atlética Acadêmica. Essas associações estavam subordinadas à LUBE e, de acordo com a Ata de 02 de abril de 1962,

deveriam ser compostas por no mínimo 15 atletas. Entendemos que esta era uma das primeiras dificuldades encontradas pelas mulheres para sua inserção no espaço esportivo universitário, já que, neste período, era pequeno o número de estudantes do sexo feminino na Universidade. A estas pioneiras restava a função de portar bandeiras nos tradicionais desfiles de abertura das Olimpíadas Internas da Universidade Rural de Minas Gerais (UREMG) e a participação em jogos de pouco destaque dentro da instituição.

A década de 1970 constitui-se um marco da ampliação da participação feminina no esporte universitário viçosense. Este período foi caracterizado pela obrigatoriedade da prática de Educação Física universitária, pela federalização da UREMG e pela implantação de novos cursos de graduação, inclusive o de Educação Física, criado em 1975. Tais acontecimentos impulsionaram a entrada de mulheres na Universidade e também na LUVE.

Na presente pesquisa, a utilização da história oral, das fontes iconográficas e dos estudos de gênero ofereceu, a partir das trajetórias de vida de nove ex-atletas da década de 1970, elementos reconstitutivos sobre a participação de mulheres no esporte universitário viçosense.

Uma multiplicidade de contextos foi expressa nas narrativas das mulheres entrevistadas, mas que traziam em comum um lugar social dominante em suas trajetórias de vida: o esporte universitário. A fonte oral dialogada com as fontes iconográficas e os documentos oficiais da LUVE, bem como dos informativos e dos jornais da instituição, gerou um mapa de memórias, de identidades e jogos de poder no qual os sujeitos se movimentavam, configurando a organização do espaço esportivo na Universidade, no período em questão.

Para Bourdieu (2001), a construção da noção de trajetória é como “(...) uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (p. 189). Nesse sentido, os acontecimentos biográficos deslocam-se no espaço social de uma posição a outra. Para Bourdieu (2001), equivale dizer que:

Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado

- pelo menos em certo número de estados pertinentes
- ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 2001, p. 190).

Essa reflexão coloca o sujeito numa posição de agente que intervém nos diferentes espaços e contextos sociais nos quais transita, dialogando suas experiências com o que Halbwachs (2005) chamou de quadros sociais da memória. Assim, ao olharmos para as trajetórias de vida de mulheres esportistas, em 1970, o que nos interessou foi identificar os modos pelos quais elas se inseriram nos esportes, especialmente no esporte universitário viçosense; e a maneira como estas trajetórias de vida esportiva dialogam entre si, inserindo a memória individual de cada entrevistada na memória do grupo. Além disso, buscamos compreender como os atravessamentos de gênero marcam estas trajetórias, posicionando estas mulheres em locais específicos no cenário esportivo.

As lembranças da cidade, da Universidade, das Praças de Esportes e das relações engendradas no universo esportivo universitário constituem os fios condutores das narrativas. Estas relações foram organizadas por sistemas normativos que regularam sujeitos, corpos e práticas no interior da instituição, criando uma ambiência de negociações e disputas, na qual homens e mulheres engendraram suas histórias.

A memória expressa nas narrativas das nove mulheres entrevistadas aponta para sujeitos que, ao desafiarem o imaginário social sobre mulheres enquanto prisioneiras do seu destino biológico/materno, criaram fissuras no universo esportivo universitário viçosense, infiltrando-se em práticas esportivas de reserva masculina.

## **2. FEDERALIZAÇÃO DA UREMG E EDUCAÇÃO FÍSICA OBRIGATÓRIA**

Em 1969, a federalização da UREMG desenha novos contornos para o esporte universitário viçosense, especialmente no que diz respeito à

participação de mulheres. A ampliação do número de cursos<sup>4</sup> implicou em um aumento significativo do quadro de discentes, docentes e funcionários na instituição. Até o ano mencionado, a presença de mulheres na Universidade era pequena, transitando especialmente pelo grupo formado por funcionárias, esposas dos professores e dos funcionários, estudantes e docentes da Escola Superior de Economia Doméstica.

Somado a este contexto, encontra-se uma nova fase no esporte universitário de todo país. A partir do Decreto-Lei nº. 69.450, de 1971, torna-se obrigatória a prática de Educação Física em todos os níveis da educação brasileira, sendo compreendida como “(...) atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando”, constituindo-se um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional. .

De acordo com o documento, nas escolas de nível superior, em prosseguimento ao trabalho iniciado nos graus precedentes, as aulas de Educação Física deveriam predominantemente ter natureza desportiva e suas atividades direcionadas à manutenção e ao aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no *campus* universitário, à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade. Desse modo, a UFV, em consonância com os objetivos militares expressos no Decreto e por meio de consecutivas medidas administrativas, tornou-se um polo esportivo universitário de destaque em Minas Gerais e no país.

Nesse período, a UFV contratou professores e professoras<sup>5</sup> de Educação Física qualificados, investiu em formação de pessoal, extinguiu a antiga Praça de Esportes da ESAV/UREMG, que abrigou até 1960 todas as práticas físico-desportivas da instituição, construiu uma moderna Praça de Esportes e criou o Serviço de Educação Física em 1972, culminando com a implantação do curso superior de Educação Física, em 1975.

Se por um lado o Decreto elege a Educação Física obrigatória como prática disciplinadora de corpos, por outro instala um novo momento para o esporte universitário viçosense. A prática da Educação Física e do desporto estudantil no ensino superior, de acordo com o documento, deveria ser realizada por meio de clubes universitários, criados segundo modalidades desportivas ou atividades físicas afins, e deveriam estar filiados à Associação Atlética



da respectiva universidade. Caberia aos clubes, dirigidos pelos estudantes e supervisionados pelos professores de Educação Física contratados pela instituição, o desenvolvimento de atividades físico-esportivas no espaço universitário. De acordo com o depoimento do (SEF), cabia ao setor receber o (a) estudante, verificar as suas condições de saúde e encaminhá-lo (a) a um dos clubes (turmas de basquete, voleibol, futebol de campo, atletismo, ginástica feminina) para a prática físico-desportiva. Assim, o (a) professor (a) responsável verificaria as tendências desportivas dos (as) ingressantes, promovendo ao acadêmico e à acadêmica uma formação esportiva adequada às suas capacidades (UFV INFORMA, 1974, p. 4).

Desse modo, a obrigatoriedade da prática físico-desportiva introduziu mulheres em um campo antes ocupado predominantemente por homens, pois, ao matricular-se na universidade, o (a) estudante imediatamente deveria filiar-se ao clube, aqui entendido como modalidade de sua preferência. Vale ressaltar que a inserção de mulheres nestas atividades não as vinculava necessariamente à LUVE.

A seleção de atletas da Liga acontecia durante os Jogos Universitários Internos realizados anualmente e as estudantes não participavam como atletas, pois não conseguiam formar equipes para competir nos Jogos. Nesse sentido, a vida esportiva para mulheres dependia em larga medida da disponibilidade de tempo para treinamento fora das aulas obrigatórias de Educação Física, que, nas turmas femininas, compreendiam atividades lúdicas, recreativas, ginásticas, voleibol e natação. Cabia à instituição garantir práticas físicas que promovessem o bem-estar e a saúde da estudante; já a prática esportiva, com finalidades de treinamento e formação de equipes, era de responsabilidade da LUVE, e esta não envolvia um número expressivo de mulheres.

Portanto, existia uma marcada diferenciação entre as aulas de Educação Física obrigatória destinada a todas as estudantes, e os treinamentos da LUVE destinados à formação de equipes para competições a nível local e nacional. Assim, grande parte das estudantes não era encaminhada às equipes da LUVE, já que este era um espaço de reserva masculina dentro da Universidade.

Devide (2005) nos auxilia nesta reflexão. Para o autor, o ideal vitoriano de feminilidade associado à fragilidade, passividade, graça e beleza entram em conflito com as imagens sociais do esporte competitivo como a agressividade, a proeza e o vigor. Dessa forma, as representações construídas ao longo da

história posicionam homens e mulheres nas práticas esportivas.

O espaço esportivo universitário viçosense se organizou em consonância com as representações e discursos da época. A prática esportiva feminina na Universidade estava restrita às aulas de natação (Figura 4) e voleibol. Os mecanismos institucionais, que iam desde a escolha dos horários dos treinos até a liberação de recursos materiais e financeiros para as equipes, encarregavam-se de regular estas práticas.



*Figura 4 - Aula de Natação 1975*

*Foto 4*

*Fonte: Acervo pessoal*

A narrativa de uma importante atleta do período nos mostra que a LUCE não era uma entidade que congregava as equipes femininas e também não fazia parte da rotina esportiva das estudantes em 1970. Aquelas que decidiam pela vida esportiva na Universidade ainda tinham que encontrar mecanismos que assegurassem sua prática.

No primeiro momento, a porta já estava aberta para o masculino, porque só existia um pequeno grupo

feminino. Era diferente. Eu me lembro de um jogo que ia acontecer em Ouro Preto, no aniversário da Instituição, e os meninos tinham facilidade para conseguir ônibus. Já as meninas, quando recebiam convite para jogar em algum lugar, tinham dificuldades para conseguir. Mas, antes da nossa chegada, já existia essa diferença. Nós pegamos essa diferença também, porque “eles têm mais título”, “eles têm mais potencial”, “eles têm mais”. Já vinha uma tradição. Falavam que não podiam gastar dinheiro com a gente porque não sabiam se nós tínhamos condições... Então nós tínhamos que mostrar jogo primeiro para depois pedir alguma coisa (Entrevista I).

Esta narrativa nos permite ilustrar como o gênero opera na LUVE, delineando caminhos diferentes na trajetória de homens e mulheres no espaço esportivo. Ações institucionais de apoio negado às atletas pelo fato da instituição esportiva valorizar as equipes masculinas pelo potencial, pelos títulos, pela tradição, traduzem um pensamento fundado na tradição androcêntrica e na dominação masculina.

A narrativa evidencia também como as mulheres se aproximaram da LUVE. Esta inserção se deu de maneira bastante similar com aquela observada por Mourão (2002) nas práticas esportivas brasileiras “(...) por um processo de infiltração lenta e progressiva, na prática, sem o discurso de contestação por parte das mulheres, com as vicissitudes próprias de um movimento desse tipo” (MOURÃO, 2002, p. 7).

O que existia para as mulheres na UFV eram a natação e o voleibol, modalidades oferecidas para o cumprimento do Decreto-Lei na educação superior. Aquelas estudantes que chegavam ao esporte universitário pelo caminho da prática em Clubes Esportivos de suas cidades, como Belo Horizonte e Juiz de Fora, ou com grande experiência pela prática das modalidades na escola, apresentavam um nível técnico elevado, e, ao se inscreverem nas modalidades da Universidade, não encontravam um espaço de treinamento junto às equipes femininas. Isso porque, como já explicitado, as atividades físico-desportivas para mulheres apresentavam, até 1975, um caráter mais recreativo e não existia um número suficiente de estudantes para formar um clube esportivo objetivando competições oficiais.

A análise das trajetórias de vida esportiva indica que, naquele período, não era permitido às mulheres escolher a modalidade esportiva de sua preferência como previa o Decreto-Lei de 1971. As estudantes eram direcionadas àquelas práticas físico-desportivas que não desorganizavam a coerência entre características sexuais e de gênero expressa pelos discursos militar, médico e androcêntrico previstos desde o Decreto-Lei nº. 3.199 de 1941. Este oficializou a interdição de mulheres às práticas de lutas como o boxe, e em modalidades como o salto com vara, salto triplo, o decalto e o pentalto.

Estas proibições fundamentavam-se no discurso médico higienista da época para o qual as atividades físico-desportivas funcionavam enquanto dispositivos pedagógicos que regulavam as práticas corporais respeitando “os limites e as características naturais” de cada sexo. Para Mourão (2000), o Decreto incorporou as representações sociais sobre a mulher, regulando e normalizando práticas voltadas para a harmonia das formas femininas e para as exigências da maternidade.

Ratificando este tipo de pensamento, em 1965 uma deliberação do Conselho Nacional de Desporto (CND), que vigorou até 1982, acrescenta à proibição anterior a prática de futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rugby, halterofilismo e baseball, considerando tais modalidades impróprias para mulheres por constituírem-se desportos violentos não adaptáveis ao sexo feminino (SALLES; SILVA; COSTA, 1996, p. 82).

### **3. A CRIAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A LUVE**

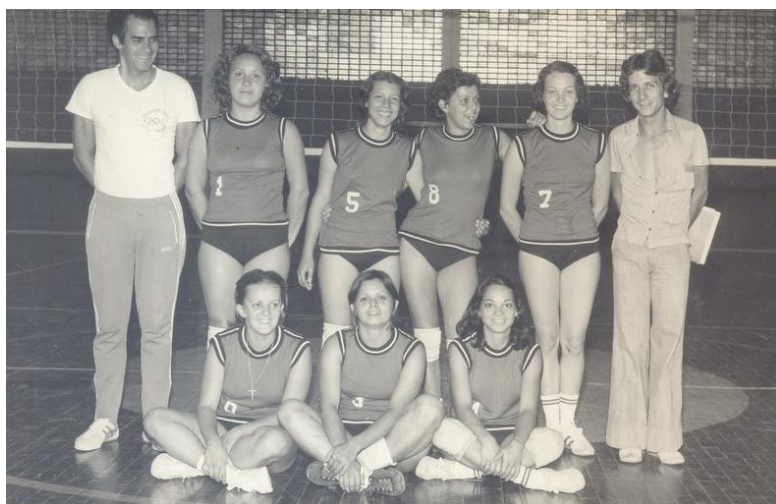
Desde a fundação da LUVE, em 1962, a participação de homens e mulheres é desigual, tanto em seus cargos de diretoria quanto no que diz respeito aos atletas. Sua primeira diretoria foi composta por seis membros, sendo duas mulheres, Alcélia Fernandes Peixoto, no cargo de segunda secretária, e Marlene Vieira, segunda tesoureira.

Nos quarenta e oito anos de história da LUVE, a presença de mulheres na diretoria transitou entre os cargos citados<sup>6</sup>. Todavia, a partir de 1975, com

a criação do curso de Educação Física na UFV, as mulheres assumiram outras funções, especialmente nas diretorias das modalidades femininas de atletismo, vôlei, handebol, basquete e natação. Em 1976, alguns alunos e alunas do curso de Educação Física se reuniram com estudantes de outros cursos e montaram uma diretoria para a LUVE, composta por 22 membros, sendo apenas 06 mulheres.

Para as mulheres esportistas, este período foi o marco de sua institucionalização. A implantação do curso de Educação Física modificou não só o quadro feminino na LUVE, mas também o cenário esportivo universitário como um todo.

Antes da criação do Curso, a UFV já se destacava nos Campeonatos Universitários Estaduais e Nacionais e nas Olimpíadas Globais. Contudo, a partir de 1975, devido aos estudantes de Educação Física que ingressavam no curso com um nível técnico elevado, a Universidade amplia o número de atletas de ambos os sexos filiados à LUVE. Como mostra a Figura 5, a equipe de voleibol da LUVE de 1975 era composta apenas por estudantes do curso de Educação Física.



*Figura 5 - Equipe de Voleibol da LUVE - 1975*

*Foto 5*

*Fonte: Acervo pessoal de uma das entrevistadas*

O ano de 1975 representou também um momento de grande tensionamento no que se refere à participação de estudantes do curso de Educação Física na LUVE. Segundo uma entrevistada, havia um receio dos estudantes dos cursos já filiados à LUVE, e da própria diretoria, de que a entrada dos alunos “especializados” em esportes pudesse mudar os rumos da instituição esportiva que, desde sua origem, estava sob o comando dos cursos da área de ciências agrárias. Entretanto, o medo era com relação aos homens; as mulheres não apresentavam perigo. Sendo a LUVE dirigida desde sua criação pelos estudantes dos cursos das ciências agrárias, um saber por excelência masculino, podemos dizer que este espaço era essencialmente masculino. As poucas mulheres que por ele transitavam eram figurantes no espetáculo esportivo: portavam bandeiras, desfilavam graciosamente seus corpos em movimentos acrobáticos na abertura dos tradicionais Jogos Internos, e a frente do pelotão de atletas, abrindo alas para os viris, leais e corajosos esportistas da Universidade. Dessa maneira, a presença feminina não colocava em risco a organização hierárquica e desigual entre os sexos no cenário esportivo.

Além disso, as narrativas mostram que quem abriu os espaços para a participação de mulheres na diretoria da LUVE foram os rapazes. Contudo, a análise cuidadosa das fontes pesquisadas permitiu identificar mulheres que, por meio de ações de vanguarda na prática do atletismo e handebol, modalidades ditas como masculinas, desorganizaram – mesmo que timidamente – o espaço LUVE; um espaço generificado, de produção e reprodução das relações desiguais de gênero, que reitera historicamente a organização esportiva universitária enquanto um espaço de homens e para homens.

Desde 1963, a LUVE organizou as Olimpíadas Internas, que, juntamente com a federalização da UREMG, em 1969, receberam o nome de Jogos Universitários de Viçosa (JUVs). As Olimpíadas Internas da UREMG congregavam os valores que permeavam a vida estudantil e o cotidiano da Universidade, entre eles a lealdade, a cooperação, a solidariedade, o patriotismo, a honestidade, a competência e o sentimento de família.

Os tradicionais desfiles de abertura desses Jogos eram muito organizados, com presença da Banda de Música, autoridades, hasteamento das bandeiras, fogo simbólico, juramento do atleta e comissão julgadora. Sob

a égide do conagraçamento, estes Jogos reuniam, no mês de abril, os Clubes esportivos formados pelos estudantes da Universidade e o pelotão de atletas da LUVÉ, solidificando a cada edição as representações sobre o esporte e sobre a participação de homens e mulheres neste espetáculo.

A I Olimpíada Interna da UREMG, em 1963, contou, como de costume, com a presença do governador, da Banda Nacional e autoridades locais. Em documento consultado, os dirigentes da LUVÉ descrevem como deveria ser o desfile de abertura dos Jogos:

(...) haverão dez participantes de cada clube, mais vinte e cinco moças [...] Em 1º lugar irá a Diretoria da LUVÉ, em 2º (segundo) os clubes e moças, em quarto Agrotécnicos e quinto operários. Deverá ter no mínimo quinze elementos para cada clube (Ata de 15/03/1963 LUVÉ).

Podemos observar que, com o documento, a Liga estabelece a separação entre *clubes e moças*. Estas, mesmo sendo filiadas por meio de sua Associação Atlética Acadêmica, não eram vistas pela LUVÉ como membros. Foi preciso esperar mais de uma década para que os dois grupos ocupassem de maneira mais simétrica o espaço da LUVÉ.

No final da década de 1970, os ventos de redemocratização do país chegam a Viçosa e abalam a organização do esporte institucional. Vale lembrar que era o Governo Militar que incentivava o esporte universitário nesta época. Entre 1979 e 1982, as páginas do caderno de Atas da LUVÉ estão em branco e uma nota explicativa diz que as atividades estavam paralisadas devido a irregularidades jurídicas. Neste período, não foram realizados os Jogos Universitários de Viçosa. Em 1983, os Jogos foram retomados, sendo realizados até a década de 1990.

A lembrança dos Jogos imprime nas narrativas um colorido diferenciado. As imagens do ginásio de esportes, da torcida, da fanfarra, das equipes e das disputas acirradas passeiam pela memória das mulheres entrevistadas. As narrativas expressam estes contextos históricos e, junto com eles, as entrevistadas vão costurando as lembranças da participação de mulheres nos espaços esportivos, orientando a compreensão do processo de inserção e atuação feminina na LUVÉ.

#### 4. UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Neste universo cultural dado, quais seriam as práticas esportivas adaptáveis ao corpo da mulher? A história esportiva da Universidade nos mostra que seriam a natação, o voleibol e a ginástica, entre outras modalidades que não apresentassem riscos à graciosidade e ao destino biológico/materno do corpo feminino. Como estes padrões esportivos se inscreveram na organização do esporte universitário viçosense, adequando práticas corporais específicas para cada sexo? Como as mulheres se posicionaram neste espaço? Acreditamos que, a partir das teorizações propostas por Foucault (1977), Scott (1990) e Bourdieu (1995), sejam possíveis algumas reflexões a esse respeito.

O universo esportivo, como toda prática social, é organizado por símbolos e normas que regulam e posicionam de diferentes maneiras os sujeitos nas atividades físicas e esportivas. Estes símbolos, por sua vez, são estruturados a partir de um princípio classificatório binário e hierárquico fundado nos referenciais biológicos. Neste sistema simbólico, a mulher ocupa uma posição inferior e a diferença socialmente construída entre os sexos é compreendida como natural e evidente (Figura 6).



*Figura 6 - III Olimpíada Global 1976*

*Foto 6*

*Fonte: Acervo pessoal de uma das entrevistadas*



A percepção e organização concreta e simbólica do espaço esportivo se fazem a partir desta oposição binária. Os discursos higiênico, eugênico, militar e androcêntrico, que historicamente fundamentam a prática esportiva através de conceitos normativos que ditam práticas e modalidades específicas para mulheres e homens, evidenciam as interpretações simbólicas, enraizando nas práticas cotidianas a oposição binária como maneira única de perceber as relações. Por meio de nossas ações, reiteramos estes códigos simbólicos, eternizando a naturalização do princípio que Bourdieu (1995) chama de dominação masculina. Nesse sentido, as práticas sociais são construídas a partir da maneira como as diferenças entre os sexos são percebidas (SCOTT, 1990). O corpo mesmo sendo algo físico, não é uma evidência, ele é uma construção e, portanto, simbolicamente dado.

No campo esportivo universitário viçosense os corpos foram forjados e organizados no eixo do binarismo. Assim, as relações de gênero foram tecidas historicamente, organizando o esporte universitário enquanto um campo eminentemente masculino. Desse modo, a participação de mulheres neste cenário esteve, desde os momentos iniciais, prevista e fixada em atividades específicas.

Ao corpo do homem, másculo e agressivo, destinaram-se os esportes coletivos, de contato físico, as lutas, o movimento explosivo. Às mulheres – o seu oposto inferior – com seu corpo frágil e gracioso, coube portar bandeiras, deslizar suavemente pela superfície da água, praticar o voleibol – modalidade conhecida, na época, como um esporte elegante e de elite –, e exercitar-se nos exercícios ginásticos com um objetivo bem definido: produzir um corpo saudável, fértil e feminino. Assim, os corpos foram organizados não pela diferença biológica ou anatômica em si, mas pelos múltiplos discursos de feminilidade e masculinidade construídos em torno destas diferenças.

A inserção de mulheres neste espaço esportivo concebido por homens e para os homens, segundo princípios de disciplina, força, agilidade e competitividade, gerou uma nova configuração das relações e das práticas no interior da LUVE. A chegada de um número expressivo de mulheres na Universidade a partir de 1970 forçou os portais de entrada da Liga. Os discursos, até então circulantes na instituição, orientavam certa normatização dos usos dos corpos femininos. Mesmo não sendo homogêneos, estes

discursos atravessaram décadas ditando padrões de feminilidade e organizando as experiências esportivas das mulheres na Universidade.

As relações estabelecidas na LUVÉ nos fazem pensar no que diz Scott (1990) sobre a categoria gênero. Para a autora, masculinidade e feminilidade são construções históricas, sendo o gênero “(...) um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14).

As experiências expressas nas narrativas das mulheres entrevistadas são atravessadas por relações de poder que as localizam em determinados lugares, nos quais foram construídas suas subjetividades e a maneira pela qual se percebiam e eram percebidas pelos outros grupos. Nesta análise, utilizamos o argumento teórico de Foucault (1977), que considera os discursos como meio privilegiado de ordenar e normatizar as práticas sociais. Por meio dos discursos reguladores e normatizantes, as práticas culturais posicionam os indivíduos, direcionando suas experiências e produzindo sujeitos específicos. Para o autor, nossas experiências subjetivas são reguladas por princípios de normalidade e anormalidade garantidos pelo saber, pela ciência e pelas relações de poder que se estabelecem entre os grupos.

O poder para Foucault (1977) não é entendido como um sistema geral de dominação, coerção, violência ou sujeição exercida por um elemento ou grupo sobre outro, mas antes, por tensionamentos, ou “(...) como a multiplicidade de correlações de força imanente ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte (...)” (FOUCAULT, 1977, p. 88).

Nesse sentido, a LUVÉ foi um espaço no qual circularam jogos de poder fundamentados nas relações de gênero. Os discursos de feminilidade e masculinidade presentes na instituição e no espaço esportivo universitário engendraram relações, posicionando os sujeitos. Estes discursos se inscreveram nos corpos produtores e produtos das relações que o significavam.

(...) o pessoal não dava a ela o mérito da jogada, falavam que ela era masculinizada. Isso porque ela tinha o corpo meio másculo e um perfil meio quadrado, mas não o comportamento. O biotipo dela era quadrado. Falavam que ela era masculinizada e tinha o biotipo de homem.

E esqueciam a habilidade dela, mas ela era altamente habilidosa (Entrevista I).



*Figura 7 - Martha Krambeck Horn e Evandro Chartuni Mantovani II JUV's, 1973*  
*Foto 7*

*Fonte: Acervo pessoal de uma das entrevistadas*

Utilizando-se de diferentes estratégias, estas mulheres negociaram tacitamente lugares na instituição esportiva, ocupando diferentes posições de sujeitos. No campo de correlações de forças da LUVE, as mulheres esportistas, ao buscarem potencializar sua participação, demarcando um espaço, engendraram diferentes estratégias de negociação e disputas. Envolveram-se em mais de uma modalidade esportiva, organizaram suas próprias viagens, assumiram cargos técnicos e de diretoria, praticaram modalidades ditas masculinas. Dessa forma, à medida que foram ressignificando o universo esportivo, produziram novas subjetividades, práticas e formas de viver e de pensar a atuação de mulheres no esporte universitário viçosense.

Na perspectiva de uma das entrevistadas, a prática esportiva feminina na Universidade na década de 1970 foi construída sobre um cenário hostil.

A mulher era muito conservadora, não podia uma série de coisas. De repente, a gente vai para a quadra disputar um esporte – e não era comum fazer isso –, praticava um esporte com sunga – que pra época deveria ser um absurdo –, mas era o uniforme, era a sunga. As mulheres, de short curtinho, eram assediadas. Mas, ao mesmo tempo a gente tinha aquele excesso de proteção pelos esportistas. A gente tinha que manter uma conduta muito séria, porque, se não, poderia “ficar falada”. Eu sentia preconceito dentro do curso que eu fazia pelo fato de eu praticar esporte. Perguntavam-me o que eu estava fazendo com a turma da Educação Física. Eu não estava excluída do preconceito, mesmo sendo de outro curso. Eles achavam que eu era até aluna da Educação Física. Eles me isolavam pelo fato de eu praticar esporte. [...] Os amigos que eu tive foram sempre dentro da área do esporte. Eu não ficava com os meus colegas de sala. No meu curso, eu me lembro que era uma faixa de 10 mulheres e 60 ou 70 homens. Que praticava esportes era eu e mais uma (Entrevista X).

Na narrativa acima, podemos localizar como diferentes representações em torno, por exemplo, do uniforme e dos comportamentos das atletas nos anos de 1970 criaram identidades. Quando falamos em identidades, falamos não a partir de um viés psicológico ou individual, mas como um conjunto de características que unem e diferenciam grupos sociais entre si. Portanto, a memória da participação esportiva de mulheres na LUCE emerge de um grupo que ela une (NORA, 1993).

O campo teórico no qual esta pesquisa foi construída rejeita a ideia de uma identidade única, estável e fixa denominada “mulher”, sobre a qual vão sendo adicionadas vivências e experiências que formam sua feminilidade. Entendemos que masculinidades e feminilidades se constroem nas relações sociais e que existem diferentes maneiras de se vivê-las. Nesse sentido, o que vincula as esportistas da LUCE da década de 1970? Podemos dizer que são suas práticas no universo esportivo, muito mais do que o fato de serem mulheres. Podemos dizer que o grupo atípico foi aquele composto pelas

atletas que instauraram uma nova maneira de se pensar a mulher no esporte universitário viçosense.

Para além das interdições citadas anteriormente, algumas mulheres – consideradas neste trabalho como pioneiras – envolveram-se com os esportes subvertendo, em certa medida, discursos, abrindo e demarcando caminhos para a participação feminina no esporte universitário viçosense (Figura 8). Mesmo que a estas pioneiras tenha sido concedido um espaço em práticas como a ginástica, o voleibol e a natação, suas ações puderam criar brechas neste campo eminentemente de domínio masculino anunciando um novo tempo.



*Figura 8 - Equipe de Handebol do Clube Escorpião – 1976*

*Foto 8*

*Fonte: Acervo pessoal de uma das entrevistadas*

O esporte universitário viçosense se organizou a partir da oposição masculino-feminino. Mas podemos afirmar que no interior desta organização outras relações foram possíveis. A noção fixa de um jeito de ser natural feminino ou masculino fissa diante das experiências múltiplas de mulheres na instituição. No interior deste grupo de atletas, feminilidades e masculinidades estavam em jogo. A aparência corporal atravessada por discursos que

identificam o que é ser masculino e feminino aparece em algumas narrativas como sinalizadores da posição dos sujeitos no grupo.

Não tem quem, dessa época não conheça a P, porque ela tinha uns comportamentos meio fora do padrão de normalidade. Ela falava assim: “Se você não sabe apitar, desce daí que eu te ensino! Desce!”. Ela parava o jogo do nada e falava: “Desce aqui que eu te ensino!”. Embora ela não tivesse nada, era magrinha e miudinha, falavam que ela tinha muito hormônio masculino, testosterona, predominante na Educação Física... (Entrevista I).

As representações sobre corpos masculinos e femininos, quando fundadas no binarismo, apontam para estereótipos que buscam fixar características, atributos, comportamentos e formas de ser homem ou mulher. Dessa maneira, mulheres que vivenciaram esportes ditos masculinos contribuíram para a construção de uma nova configuração do esporte universitário em Viçosa.

Este grupo do esporte era um grupo forte. Pra gente não existia um grupo feminino e um grupo masculino; a gente tinha voz e brigava pelos mesmos direitos e espaços dos meninos. Era impressionante. As mulheres eram diferentes. É por isso que eu falo que o esporte dá um diferencial. Quem pratica esporte tem um grande diferencial. Eu acho que a nossa posição era de um movimento de libertação. Pra gente era tudo tão proibido, a mulher não podia participar de nada, tudo era limitado e, de repente, você vê mulheres dentro de quadra brigando, vibrando... Se nivelando como os homens, que tinham mais direitos que nós. A gente estava abrindo portas, rompendo barreiras dentro da UFV (Entrevista IX).

Mesmo com as interdições e as normatizações asseguradas pelo SEF, o atletismo foi um importante canal de entrada das mulheres nos esportes universitários viçosenses. Desde o início da década de 1970, mulheres

praticavam a modalidade, visto que muitas vezes era inviável a formação de equipes nos esportes coletivos devido ao pequeno número de mulheres universitárias interessadas na prática esportiva competitiva. Outro ponto importante é que o nível técnico das atletas era altíssimo se comparado com as equipes femininas de esportes coletivos, já que estes últimos recebiam pouco incentivo e treinamento na LUVÉ, além das equipes serem compostas pelas mesmas atletas o que dificultava o aprimoramento técnico. Os documentos pesquisados e as narrativas não apresentam referências sobre a participação destas equipes nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), contudo, o atletismo sempre esteve presente.

O atletismo apresentou, ao longo da década de 1970, grande expressividade. No final desta década, as atletas estavam integradas à LUVÉ e a Liga apoiava de fato todas as competições. O atletismo era uma modalidade de grande prestígio, tendo a equipe feminina deste período conquistado vários prêmios, inclusive nos JUBs e na Volta da Cidade Universitária, em São Paulo.

A LUVÉ representou um espaço carregado de sentido e simbolismo para a sociedade Viçosense e para os estudantes e as estudantes da UREMG e UFV. Pertencer a essa agremiação outrora, refletia no imaginário social um poder de forma a elevar a representação dos sujeitos, especialmente os do sexo masculino, no espaço acadêmico. A inserção de mulheres neste cenário contribuiu para a construção de outras representações sobre a prática feminina universitária. Uma das atletas do período afirmou:

Tenho certeza que foi não só uma experiência excepcional para as mulheres como para os homens já que eles também viram e sentiram que ali estava uma mudança que viria para ficar isto é, a participação mais intensa das mulheres na vida brasileira, não só nos esportes como também nas profissões. Na verdade acho que foi um marco histórico para a vida da UFV como também, para a cidade de Viçosa, que durante muitos anos viveu à sombra desta universidade (Entrevista VII).

O esporte universitário viçosense constituiu-se, na década de 1970, em um campo de disputas traduzidas nos acirrados Jogos entre os Clubes, na concorrência pela captação de patrocínio entre as equipes femininas e masculinas, e também disputas em torno de representações de feminilidade, masculinidade e de produção de identidades. Neste espaço esportivo, circulavam múltiplos sentidos, símbolos, subjetividades, representações, discursos e poderes que regularam de diferentes maneiras os grupos, instituindo lugares sociais a serem ocupados por uns e por outros.

As lembranças sobre a participação de mulheres no universo esportivo universitário viçosense retomam, além de sentimentos e emoções, relações, modos de pensamentos e experiências comuns próprias dos grupos de referência aos quais estas mulheres estavam vinculadas. Esta noção de memória construída em grupo, sendo ao mesmo tempo coletiva e do sujeito, ancora-se nos argumentos teóricos de Halbwachs (2006). Portanto, para as mulheres entrevistadas, lembrar e refazer suas trajetórias significou reconstruir a rede de relações na qual suas trajetórias se desenrolaram.

## Notas

1. A UFV nasce em 1922 sob o nome Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV e é inaugurada em 1926. Em 1948, transforma-se em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais –(UREMG). Em 15 de julho de 1969, a UREMG federalizou-se por meio do Decreto nº. 64.825, passando a chamar-se Universidade Federal de Viçosa (UFV).
2. Atividade de extensão criada em 1929 e realizada anualmente até os dias atuais. O evento tem como finalidade a aproximação entre a Universidade, agricultores e criadores de todo o país, além de divulgação de técnicas para a modernização da agricultura (BARLETTTO, 2006).
3. Informativo organizado pelos estudantes do curso de Agronomia da ESAV.
4. Em 1972, foram criados os cursos de Ciências Biológicas, Matemática, Pedagogia e Química. Em 1973, Zootecnia. Em 1975, Educação Física, Engenharia Agrícola, Engenharia de Alimentos e Física. Em 1976, Administração, Ciências Econômicas,



Engenharia de Agrimensura, Letras. Em 1977, Engenharia Civil, Nutrição, Medicina Veterinária. Disponível em: <hppt://www.personagens.ufv.br>. Acesso em: 11 out. 2011.

5. Entre estes docentes, destacou-se Vera Lúcia Simões, responsável pela introdução da modalidade de handebol na UFV e pelo treinamento de várias equipes masculinas e femininas ao longo de sua trajetória na Universidade. A professora é citada em todas as entrevistas como uma pioneira responsável pela inserção de mulheres em várias modalidades esportivas entre elas a natação, o basquetebol e o handebol. Em 1972 foi indicada para compor a comissão técnica geral dos Jogos Universitários Brasileiros.

6. Em 48 anos de história, a LUVÉ apresentou trinta e uma secretárias, oito tesoureiras, sete em comissões de divulgação, quatorze técnicas, vinte e três diretoras, seis vice-presidentes e apenas duas presidentes. A participação de mulheres se destacou em 2009, em que onze, dos treze membros, eram mulheres. Recentemente, mulheres assumiram o cargo de técnica assistente de equipes masculinas, não havendo na história da Liga, até o presente momento, uma equipe masculina comandada por uma mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIA, Anderson; MORENO, Andrea; SILVA, André Luiz. Inserção da mulher na vida esportiva da Escola Superior de agricultura e Veterinária de Viçosa (1926-1948). In: XI Conbrace. **Anais...** 2005.

BARLETTTO, Marisa. **Uma experiência de curso de formação de pedagogas**. Diálogos entre diferentes trajetórias. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, UFF, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaína (Orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

DEVIDE, Fabiano Pires. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 153-171, jan./abr. 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, Maria de Fátima. **O sorriso da paineira**: construção de gênero em Universidade Rural. 1995. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

MOURÃO, Ludmila. **A representação social da mulher na atividade físico-desportiva**: da segregação à democratização. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Curso de Educação Física, Rio de Janeiro, 1998.

SALLES, José Geraldo C.; SILVA, Maria Cecília de Paula; COSTA, Marta de Moura. A mulher e o futebol. Significados históricos. In: VOTRE, Sebastião (Org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central UGF, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990.